

# O CACAU NA ECONOMIA DE EXPORTAÇÃO DA PROVÍNCIA DA BAHIA, 1850-1888

*Marcelo Loyola de Andrade*<sup>1</sup>

Doutorando em História Econômica (FFLCH-USP)

malandre@usp.br

## **Resumo**

O presente artigo analisa a participação do cacau na economia de exportação da província da Bahia entre 1850-1888. As fontes principais da pesquisa são falas e relatórios de presidente de província e o Livro de impostos sobre exportação da cacau da Câmara de Ilhéus, importante município produtor do fruto. Os principais objetivos são: verificar o comportamento das exportações de cacau, destacar o lugar deste produto no contexto das mudanças na economia de exportação da província e entender as articulações econômicas entre Ilhéus e Salvador no período.

**Palavras Chaves:** Cacau, Bahia, Ilhéus, exportação, século XIX.

## **Abstract**

This article analyzes the participation of cocoa in the export economy of the province of Bahia between 1850 and 1888. The primary sources for this research are statements and reports from the provincial president and the municipal tax records on cocoa exports from the city council of Ilheus, an important municipality producing the fruit. The primary objectives are: to verify the behavior of cocoa exports, to highlight cocoa position within the context of the changes in the provincial export economy, and to understand the economic interactions between Ilheus and Salvador throughout the period.

**Keywords:** Cocoa, Bahia, Ilheus, exporting, nineteenth century.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Esse artigo é parte de um estudo mais amplo que investiga a escravidão na economia cacauzeira de Ilhéus entre 1850-1888, e conta com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: malandre@usp.br



## **Introdução**

O século XIX é marcado por mudanças significativas na economia mundial, especialmente nas relações entre a Europa e as Américas. Durante os três primeiros decênios desta centúria a maior parte das antigas colônias do Novo Mundo conquistam a emancipação política. Com o fim dos monopólios e privilégios coloniais as relações econômicas entre os dois lados do atlântico se multiplicam, novas redes de comércio são estabelecidas, influenciadas, principalmente, pelo capitalismo britânico. No Brasil tal fenômeno motivou o crescimento e a diversificação da economia, ampliando-se as exportações e aumentando a demanda interna, sobretudo por alimentos e bebidas.

O cacau nessa época não tem grande importância no comércio exterior do Brasil, cujos principais produtos de exportação eram açúcar e café. Mesmo assim, o cultivo deste fruto, matéria prima para a fabricação do chocolate, se desenvolve ao longo dos anos, sobretudo em Ilhéus, município localizado no sul da Bahia, que apresenta condições naturais favoráveis ao desenvolvimento da planta. Nesta localidade o cacau assume importância peculiar, sendo que no decorrer do século XIX o plantio de cacauzeiros se torna a atividade econômica principal, cujo desenvolvimento contou com larga participação do trabalho escravo.

Todavia Ilhéus não era o único município produtor de cacau do Brasil, assim como este também não era o único produtor mundial do fruto. Em primeiro lugar devemos considerar que o cacau é originário da América e já era cultivado pelos Maias e Astecas, entre outros antigos habitantes das florestas equatoriais deste continente, que cultuavam a planta e utilizavam suas sementes como moeda, com as quais produziam a bebida dos deuses, atualmente conhecida como chocolate.

Durante o período colonial tal bebida é incorporada aos hábitos de consumo dos europeus e o cacau se torna mercadoria de valor econômico, aos poucos se destacando entre os produtos de exportação do Novo Mundo, cultivado principalmente nas regiões dos atuais México, Guatemala, Nicarágua, Equador, Venezuela e Colômbia.

Ademais, no decorrer do Oitocentos o plantio do cacau se estende para determinadas regiões dos continentes africano e asiático. Em 1895, por exemplo, se destacam entre os produtores mundiais a Costa do Ouro (atual Gana), Nigéria, Costa do Marfim, Fernando Pó e São Tomé, que juntos com outros países africanos exportaram

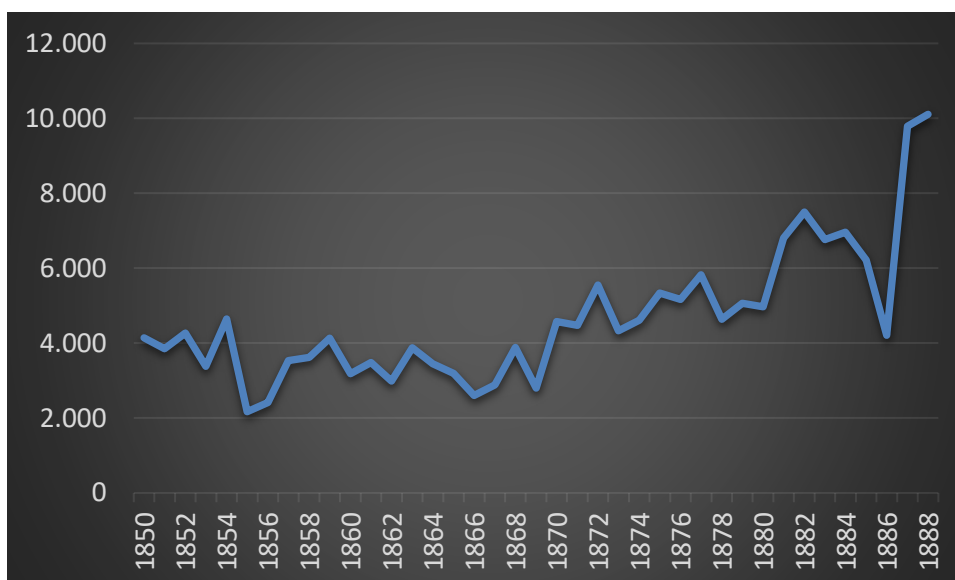


## O Cacao Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade

7.777 toneladas, enquanto no mesmo ano os países asiáticos exportaram 2.561 e os americanos 66.505 toneladas (BONDAR, 1938, p. 22). Assim, ao que parece, no século XIX a maior parcela da produção mundial provinha da América.

No Brasil, outras províncias do Império, além da Bahia, também se dedicavam à produção de cacau, especialmente as situadas na região Norte, com destaque para o Pará, onde desde meados do século XVIII o produto era cultivado. Infelizmente, devido à carência de informações e estudos específicos, não temos como avaliar a produção dessa região. Todavia, é possível conhecer o volume das exportações do Brasil no período 1850-1888, como mostra o Gráfico 1.

**Gráfico 1 – Exportações de cacau (em toneladas). Brasil, 1850-1888**



Fonte. Ipeadata, disponível em [www.ipeatava.gov.br](http://www.ipeatava.gov.br), acesso em 20 de mar. 2018.

O Gráfico 1 demonstra o crescimento lento das exportações de cacau no período, ainda assim com oscilações significativas. Observa-se aumento exponencial no final da década de 1880, atingindo o pico em 1888, quando o Brasil exportou 10.107 toneladas, com a menor cifra registrada em 1855 (2.168), sendo a média anual de 4.651 toneladas.

Parte dessas exportações provinha do sul da Bahia, mas assim como ocorreu com o Brasil, nesta província o cacau se expandiu paulatinamente e somente na década de 1880 alcançou lugar de destaque entre os principais produtos de exportação.

*O crescimento econômico da província durante a primeira metade do século XIX é sobretudo devido ao aumento das exportações de açúcar, motivado pelo vácuo deixado*



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

*na economia mundial após a rebelião escrava de Saint Domingue (atual Haiti) em 1791, que emancipou a antiga colônia francesa e no processo destruiu a economia da ilha, retirando do mercado um dos maiores produtores de açúcar e café das Américas.*

Desse modo, de acordo com Stuart B. Schwartz “entre 1817 e 1828 foram instalados 110 novos engenhos na Bahia e na década seguinte entraram em operação mais 220 unidades” (SCHWARTZ, 1988, p. 345-346). As exportações de açúcar feitas a partir do porto de Salvador “passaram de 500 mil arrobas anuais em 1789 para, aproximadamente, 4 milhões em torno de 1850” (BARICKMAN, 2003, p. 72-73).

A economia açucareira baiana cresce na primeira metade do século XIX e os engenhos se espalham para além do Recôncavo, assim como outros produtos de exportação começam a se destacar pelas décadas seguintes, como aconteceu com o cacau, por exemplo. O aumento das exportações, por sua vez, fazia aumentar a demanda por alimentos, o que por vezes provocava crises de abastecimento e carestia de preços dos produtos de necessidade básica. No entanto, de um modo geral, as mudanças ocorridas no período concorreram para dinamizar a economia da província como um todo.

No setor de transportes, terrestres e marítimos, por exemplo, ocorria inovações. Abriam-se ferrovias e estradas para o interior ligando os centros produtores de Salvador, além de interligar diversas partes da Província. A Companhia de Navegação Baiana, ao utilizar navios a vapor introduziu um toque de modernidade nas velhas rotas marítimas, outrora exploradas a remo ou à vela (MATTOSON, 1992, p.73-74). Segundo Thales Olímpio Góes de Azevedo, “a província mantinha 3 navios a vapor em linhas para os portos do Recôncavo e no litoral entre Recife e Caravelas (AZEVEDO, 1977, p. 10).

Outras comarcas também experimentaram crescimento econômico durante esta centúria. Mônica Duarte Dantas, por exemplo, percebeu a efetiva participação da Comarca de Itapicuru, norte da Bahia, nas redes comerciais que irradiavam Salvador, tanto por meio do movimento do gado pelas vias locais de ligação com o mercado da capital e seu Recôncavo como pelo próprio crescimento das atividades produtivas do sertão, que, no início do século XIX, contava com alguns engenhos com produção destinada à exportação (DANTAS, 2007, p. 42).

A comarca de Rio de Contas, no sudoeste da província, abrangia as vilas e termos de Rio de Contas, Macaúbas e Caetitê, e sua sede distava 94 léguas de Salvador. O seu desenvolvimento econômico ocorreu a partir da exploração aurífera, no decorrer do



## **O Cacao Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

século XVIII. Todavia, ao longo do século XIX o garimpo foi diminuindo em função do declínio do ouro aluvionário na região, sendo que a plantação de algodão, pecuária e a produção de alimentos como mandioca, cana de açúcar, milho, feijão e outros produtos de subsistência e abastecimento dos mercados internos, assumem o lugar de principais atividades econômicas (ALMEIDA, 2006, p. 23).

A comarca de Cachoeira, precisamente Feira de Santana, era o ponto de chegada de gados vindos do sertão do rio São Francisco e de outras partes da província e tinha a pecuária como uma das principais atividades econômicas, fornecendo carne verde para o abastecimento da capital baiana e do Recôncavo, onde a demanda por alimentos, sobretudo na primeira metade do Oitocentos, era crescente (ver, por exemplo, LOPES, 2009).

Na Ilha de Itaparica a pesca da baleia se desenvolveu como importante atividade econômica durante o século XIX, Wellington Castellucci Junior analisou o cotidiano de escravos e forros nesta e em outras ocupações na Ilha. As suas análises demonstraram as diversas finalidades que tinha a baleia, desde a alimentação até extração de óleo para uso como argamassa, fabricação de azeite, dentre outras utilidades, além de ser exportada (CASTELLUCCI JUNIOR, 2008, p. 184-187).

Bert J. Barickman, por sua vez, percebeu a dependência da capital baiana em relação às demais comarcas da província e destacou que no final do período colonial, a farinha de mandioca chegava a Salvador de quatro áreas principais:

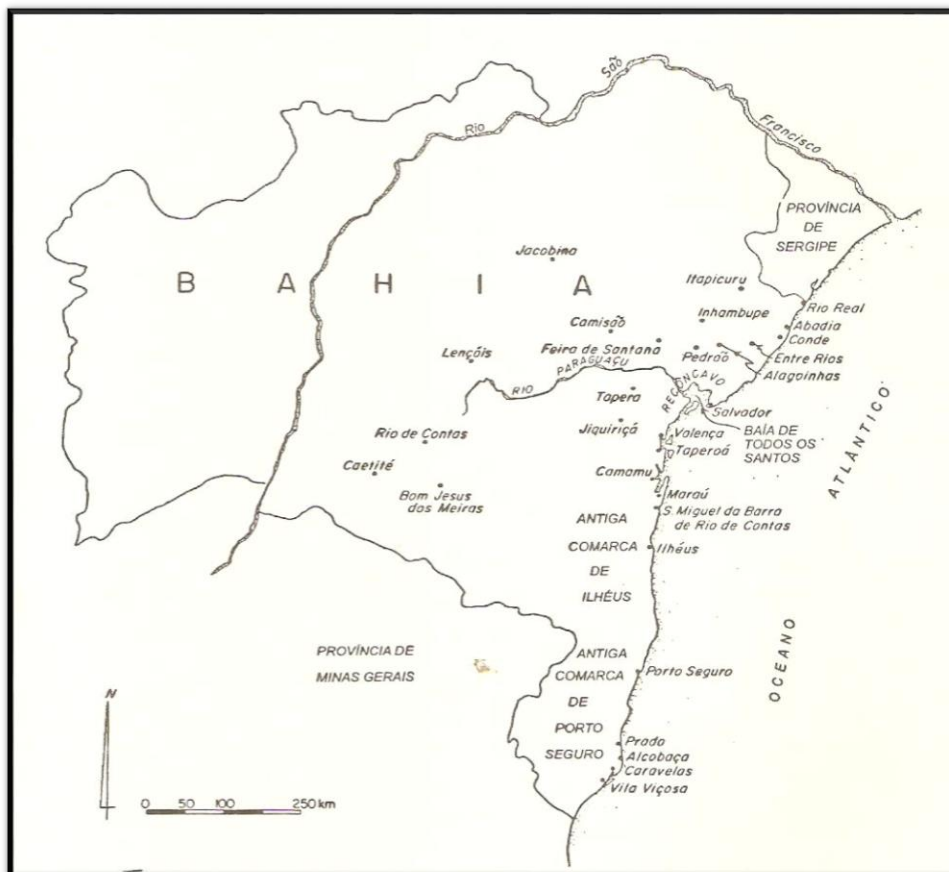
[...] de Sergipe, que, além de farinha e milho, remetia também o açúcar produzido por seus mais de cem engenhos; da pouco povoada comarca de Porto Seguro, no extremo Sul da Bahia; das vilas litorâneas da comarca de Ilhéus, logo ao Sul do recôncavo; e das vilas do sul do recôncavo, Maragogipe e Jaguaribe (incluindo a freguesia de Nazaré das farinhas). (Op. cit., p. 132).

Assim, para além dos engenhos e da produção de açúcar existia uma diversidade de atividades econômicas que se relacionavam tanto com o abastecimento interno quanto com a economia de exportação.

A Figura 1 apresenta o mapa da província da Bahia em meados do século XIX e permite a visualização das aludidas localidades. Vale salientar que a província de Sergipe, outrora pertencente à Bahia, já havia sido emancipada em meados da primeira metade desta centúria.



**Figura 1 - Mapa da Província da Bahia em meados do século XIX**



Fonte: BARICKMAN, Bert J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 37.

Outro fator importante para o crescimento econômico da Bahia no século XIX foi o aumento da população, especialmente a escrava. O tráfico negreiro operou em níveis adequados para suprir as demandas criadas pela expansão econômica. Os maiores desembarques de africanos ocorreram justamente no período de arranque da economia açucareira, ou seja, nas primeiras três décadas do século XIX. A partir dali, no entanto, as cifras diminuíram consideravelmente.

A Tabela 1 apresenta os dados correspondentes ao número de africanos desembarcados em Salvador e no Brasil durante a primeira metade do século XIX.



**O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo  
Loyola de Andrade**



**Tabela 1 – Africanos desembarcados nos Portos da Bahia e do Brasil, 1801-1850**

<b>Períodos</b>	<b>Bahia</b>	<b>Média Anual</b>	<b>Brasil</b>	<b>(%) da Bahia no Brasil</b>
<b>1801-1805</b>	46.555	9.311	158.999	29,2
<b>1806-1810</b>	55.378	11.075	182.149	30,4
<b>1811-1815</b>	56.561	11.312	213.968	26,4
<b>1816-1820</b>	58.776	11.755	237.110	24,7
<b>1821-1825</b>	38.998	7.799	220.535	17,6
<b>1826-1830</b>	58.928	11.785	303.766	19,4
<b>1831-1835</b>	16.700	3.340	83.326	20,0
<b>1836-1840</b>	17.433	3.486	254.856	6,8
<b>1841-1845</b>	19.296	3.859	135.468	14,2
<b>1846-1850</b>	45.725	9.145	264.547	17,2
<b>Total</b>	<b>414.350</b>	<b>8.287</b>	<b>2.054.724</b>	<b>20,1</b>

Fonte: The Trans-Atlantic Slaves Trade Database. Disponível em <<http://www.slavevoyages.org>>. Acesso em 12 ago. 2013.

Os dados da Tabela 1 demonstram que os maiores desembarques de africanos ocorreram nas três primeiras décadas do século XIX. Algo em torno de 11 mil eram desembarcados anualmente em Salvador nesse período. Todavia, a partir da década de 1830 a economia açucareira começa a enfrentar dificuldades, o que possivelmente provocou redução dessas cifras, mesmo assim muitos africanos continuaram sendo desembarcados e vendidos como escravos para diversas comarcas da província da Bahia, tendo Salvador como um dos principais pontos terminais do tráfico atlântico de africanos.

A situação econômica da província começou a ser modificada a partir da década de 1830, principalmente em virtude da expansão da produção açucareira em outros lugares da América, especialmente em Cuba, e pelo declínio lento, embora constante, dos preços de tal produto no mercado internacional.<sup>2</sup> A situação fica mais aguda a partir da proibição oficial do tráfico atlântico de africanos, em 1850, uma vez que vários setores da economia baiana estavam secularmente envolvidos com o comércio da mercadoria humana.

O fumo e a cachaça, por exemplo, eram utilizados pelos traficantes no comércio com a África. Por outro lado, os senhores de engenho perderam a principal fonte de mão

<sup>2</sup> Os preços em Londres, por exemplo, caíram de seu pico máximo de 95 xelins o quintal em 1814, para menos de 40 xelins em meados da década de 1830. BARICKMAN, op. cit., p. 77.





de obra e dispunham de recursos financeiros limitados e não podiam contar com um sistema bancário adequado, assim, tinham poucas fontes de capital para investir na modernização da produção de açúcar. Na década de 1860, por exemplo, enquanto Cuba tinha 64 engenhos totalmente mecanizados, a Bahia possuía apenas dois (BARICKMAN, 2003, p. 289).

O comércio interprovincial de escravos, por sua vez, contribuiu para a redução da população escrava do Recôncavo. Segundo Bert J. Barickman entre 1853 e 1871 as autoridades portuárias da Bahia registraram a saída de quase 18.000 escravos despachados para fora da província. Contudo, o autor demonstra a persistência do trabalho escravo na indústria açucareira baiana ao longo de todo o período 1850-1888 e salienta que no início da década de 1870 a população servil da província era a terceira maior do Brasil (BARICKMAN, 1998-1999, p. 31).

A economia açucareira baiana também enfrentava certa retração do seu principal produto na Europa que, entre outros fatores, passou a produzir e a proteger o açúcar de beterraba (ALMEIDA, 1977, p. 31). Mesmo assim este produto detinha o primeiro lugar entre os itens de exportação, como mostra a Tabela 2, que destaca os principais artigos exportados pela província da Bahia em meados do Oitocentos.

**Tabela 2 – Gêneros exportados para países estrangeiros. Província da Bahia, 1852**

<b>Gêneros</b>	<b>Unidades</b>	<b>Quantidades</b>	<b>Valores Oficiais</b>	<b>(%)</b>
<b>Açúcar</b>	Arrobas	2:881:736 e 17 lib.	5: 049:403\$097	58,3
<b>Fumo em folha e corda</b>	Arrobas	464:347 e 8 lib.	1:229:648\$474	14,2
<b>Diamante em bruto</b>	Oitavas	3.116	934:800\$000	10,8
<b>Café em grãos</b>	Arrobas	110.489 e 4 lib.	360:933\$153	4,2
<b>Algodão em rama</b>	Arrobas	59.775	299:986\$937	3,4
<b>Couros secos e salgados</b>	Arrobas	72:015 e 5 lib.	265:208\$244	3,1
<b>Aguardente</b>	Canadas	467.842	188:179\$957	2,2
<b>Madeiras diversas</b>	Dúzias	2.124 e 4 tab.	141:152\$488	1,6
<b>Cacau</b>	Arrobas	19:499 e 12 lib.	42:218\$270	0,5
<b>Piçava</b>	Molhos	431:278	27:114\$700	0,3
<b>Charutos</b>	Quantidades	3:142.850	23:704\$770	0,3
<b>Outros 55 gêneros</b>	Diversas	Diversas	98:647\$222	1,1
<b>Total</b>			<b>8:660:997\$312</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Fala que recitou o presidente da província da Bahia, Dr. João Maurício Wanderley, na abertura da Assembleia Legislativa em 1º de março de 1853. Bahia, Typ. Const. De Vicente Ribeiro Moreira, 1853. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>, acesso em 10 de mar. 2018.



## O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade

A Tabela 2 mostra que o açúcar sozinho era responsável por 58,3% das receitas das exportações da Província da Bahia em meados do século XIX. O fumo aparece em segundo lugar (14,2%), juntos os dois eram responsáveis por 72,5% das receitas geradas a partir destas exportações, sendo muito pequena a proveniente das exportações de cacau, ou seja, apenas 0,5% do total das arrecadações no exercício 1851-1852.<sup>3</sup>

Esse quadro, no entanto, se modifica no decorrer da segunda metade do século XIX, ainda que o açúcar continue sendo a principal fonte de receita das exportações, essa importância diminui com o tempo, o que também foi constatado por outros autores que analisaram o comportamento da economia baiana nessa época. Bert J. Barickman, por exemplo, analisa o período 1780-1860, sendo que entre 1853 e 1860 percebe-se certa redução na importância do açúcar, o que segundo o autor está associado à desvalorização do produto no mercado internacional. A Tabela 3 mostra a porcentagem das receitas provenientes das exportações dos principais produtos.

**Tabela 3 - Porcentagem da receita total das exportações dos principais produtos. Província da Bahia, 1853-1860**

Anos/Produtos	1853	1854	1855	1856	1857	1858	1859	1860
<b>Açúcar</b>	66,5	59,5	53,6	49,4	50,3	43,8	56,8	26,6
<b>Fumo</b>	8,2	17,0	14,1	12,8	16,7	14,4	15,9	21,9
<b>Algodão</b>	3,6	0,8	1,1	2,0	2,1	1,1	0,4	0,6
<b>Café</b>	3,3	4,7	8,6	8,0	6,8	8,9	6,0	9,3
<b>Aguardente</b>	2,7	4,1	6,1	4,1	3,0	4,4	2,7	1,2
<b>Cacau</b>	0,3	0,6	0,5	0,9	0,8	2,3	0,8	1,6
<b>Couros</b>	2,4	4,3	5,6	5,6	5,5	7,2	3,7	6,7
<b>Ouro</b>	*	*	*	*	-	*	0,2	0,3
<b>Madeira</b>	1,0	2,1	1,2	0,7	0,9	1,4	1,6	3,6
<b>Diamantes</b>	11,5	5,6	8,1	15,2	13,0	10,1	9,9	14,5
<b>Soma</b>	<b>99,5</b>	<b>98,7</b>	<b>98,9</b>	<b>98,7</b>	<b>99,1</b>	<b>93,6</b>	<b>98,0</b>	<b>86,3</b>

Fonte: BARICKMAN, Bert J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 56-57.

<sup>3</sup> De acordo com Bert Jude Barickman pelo menos desde 1817 as contas do comércio de exportação na Bahia eram abertas anualmente no dia 1º de outubro e fechadas no dia 30 de setembro do ano seguinte. Os anos fiscais foram adaptados para anos calendários seguindo o mesmo critério deste autor, assim, por exemplo, para o exercício 1851-1852 consideramos o ano calendário 1852, o que facilita a apresentação de dados nas tabelas e comparações na série. BARICKMAN, op. cit., p. 23-24.



Ao analisar a Tabela 3 percebemos uma diminuição da importância do açúcar entre os gêneros de exportação, ao passo que o fumo, café e cacau passam por processo de valorização no período. Kátia M. de Queirós Mattoso percebeu essa mudança e ressaltou “que foram os novos produtos – café e cacau – que mais ganharam importância relativa nas exportações, e isto numa progressão muito regular. O açúcar e até o fumo sofreram oscilações bem mais acentuadas, o primeiro após 1870, e o segundo antes” (MATTOSO, 1992, p. 520). Desse modo, ainda que o açúcar continue na liderança das exportações, outros produtos começam a se destacar nesse processo, alguns produzidos forma do Recôncavo, como cacau e café, por exemplo, cultivados no sul da Bahia.

Na década de 1870 o declínio da receita das exportações de açúcar fica mais acentuado, ao passo que fumo e café juntos superam este produto como principais itens de exportação. Na fala do presidente da província da Bahia, Barão Homem de Melo, apresentada na Assembleia Legislativa de 1878, consta um quadro com os principais itens de exportação nos anos anteriores, no qual percebemos o aumento da participação relativas desses dois produtos, bem como do cacau. A Tabela 4 apresenta o percentual da receita das exportações dos principais produtos entre 1873 e 1877.

**Tabela 4 – Porcentagem da receita total das exportações dos principais produtos. Província da Bahia, 1873-1877**

<b>Anos/produtos</b>	<b>1873</b>	<b>1874</b>	<b>1875</b>	<b>1876</b>	<b>1877</b>	<b>Média</b>
<b>Açúcar</b>	37,2	25,1	38,1	20,4	37,0	31,6
<b>Fumo e seus Preparos</b>	31,0	33,0	31,0	40,7	29,5	33,0
<b>Café</b>	9,8	15,5	14,1	23,4	18,7	16,3
<b>Couros em cabelo</b>	5,4	6,7	4,9	2,8	2,3	4,4
<b>Algodão</b>	5,1	6,2	1,4	0,3	0,1	2,6
<b>Madeira e taboado</b>	3,5	3,1	2,4	1,6	1,4	2,4
<b>Piaçava</b>	2,4	2,6	2,9	2,2	2,2	2,5
<b>Diamantes</b>	2,3	3,2	0,7	2,8	3,0	2,4
<b>Cacau</b>	2,1	2,4	1,6	2,4	3,2	2,3
<b>Aguardente</b>	0,5	0,8	1,1	0,5	0,4	0,7
<b>Pau Brasil</b>	0,2	0,4	0,7	0,4	0,2	0,4
<b>Ticum</b>	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
<b>Vários gêneros</b>	0,4	0,9	1,0	2,4	1,9	1,3
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

Fonte: Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o Sr. Barão Homem de Mello. Bahia, Typ. do Diario, 1878. Disponível em <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>, acesso em 17 de abr. 2018.

A Tabela 4 mostra o declínio das receitas provenientes das exportações de açúcar. Se olharmos para os índices da Tabela 3 e compararmos com os da Tabela 4 isso fica mais evidente ainda. Em 1853 o açúcar sozinho respondia por 66,5% das receitas de exportação, em 1876 esse índice chegou ao nível crítico de 20,4%, apesar das oscilações. Por outro lado, como já ressaltamos, o desempenho positivo de outros gêneros de exportação, como fumo, café e cacau, por exemplo, é notório. Juntos eles superam o açúcar, o que demonstra que a economia estava em franco processo de diversificação e mudança na pauta das exportações.

Um dos fatores responsáveis por essa mudança se relaciona com o preço desses produtos no mercado internacional. Entre aqueles que passaram por maior valorização nesse período destaca-se o cacau, seguido por café e tabaco, apesar de seu crescimento nas exportações ser lento no período (MATTOSO, 1992, p. 518 – Tabela 89).

Outra questão ressaltada por Mattoso para explicar essa mudança é que a produção açucareira sofreu com a falta de mão de obra escrava após o fim do tráfico atlântico de africanos (1850), em suas palavras “fumo, café e cacau eram cultivados por mão de obra livre, em geral familiar, não assalariada, já o açúcar dependia exclusivamente da mão de obra escrava” (p. 520).

A presença de escravos trabalhando na lavoura cacauzeira no século XIX já foi objeto de estudo de alguns pesquisadores. Mary Ann Mahony, por exemplo, chamou atenção para a importância dos escravos no desenvolvimento desta cultura em Ilhéus (MAHONY, 2001). Outros pesquisadores também investigaram a escravidão no sul da Bahia, e os estudos continuam avançando.

Contudo, ainda são escassas as pesquisas sobre a história econômica desta parte da província. Não encontramos informações sistemáticas, por exemplo, sobre exportações de cacau durante a vigência do regime escravista. O período que vai de 1850 até o final da escravidão (1888) é a fase de desenvolvimento da economia cacauzeira, mas sabemos pouco sobre ele. Não conhecemos a dinâmica da economia de exportação, as quantidades exportadas, quem eram os principais exportadores, se havia monopólio ou concentração



das exportações e qual a relação dos negociantes com a posse de escravos. Investigar essas questões pode ajudar a entender melhor a complexa rede de ligações entre a praça mercantil de Salvador e as vilas litorâneas do sul da Bahia.

### **O cacau na economia de exportação de Ilhéus, 1850-1888**

A vila de São Jorge dos Ilhéus, distante cerca de 460 Km de Salvador, é uma das mais antigas e importantes do sul da Bahia. Fundada em 1536, funcionou como sede da capitania e cabeça da comarca, portanto concentrava o principal corpo político e administrativo (CAMPOS, 2006, p. 32).<sup>4</sup>

Durante o período colonial esta vila, bem como as demais espalhadas pela capitania, integrava uma importante zona produtora de alimentos e madeiras destinados ao abastecimento da capital da província (Salvador), além das tropas e das frotas que passavam por lá (DIAS, 2007, p. 59). Entre as principais atividades econômicas desenvolvidas na localidade nesse período destacam-se a produção de farinha de mandioca, um pouco de açúcar, além de aguardente, da caça, da pesca e da extração de madeiras de lei para a construção naval. Após a expulsão dos jesuítas, em 1761, o território foi incorporado aos domínios da capitania da Bahia, e passou a ser ocupado de forma mais intensiva por particulares, o que resultou na expansão e diversificação das atividades econômicas, destacando-se nesse processo o cultivo do cacau.

Os dados sobre a população de Ilhéus nessa época são escassos e as poucas informações existentes aparecem dispersas nos documentos. Baltasar da Silva Lisboa, ouvidor da comarca em 1799, informou que neste ano a vila possuía 280 fogos e uma população de aproximadamente 2.000 almas (LISBOA, Apud. DIAS, 2007, p. 366). Os naturalistas Spix e Martius, quando passaram por Ilhéus em 1818 informaram que a vila e toda a sua freguesia possuía apenas 2.400 almas (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 176). Com relação à população escrava as informações são ainda mais escassas. Mary Ann Mahony,

---

<sup>4</sup> Segundo o autor a capitania de São Jorge dos Ilhéus, cuja sede era a vila de mesmo nome, foi doada por D. João III a Jorge de Figueredo Correa, fidalgo da Casa Real, por carta régia de 26 de junho de 1534. Limitava ao norte com a capitania da Bahia (rio Jequiriçá) e ao sul com a capitania de Porto Seguro (rio Grande ou Jequitinhonha). Esse texto investiga apenas a vila sede, batizada com o mesmo nome da capitania, cujo território fazia fronteira ao norte com a vila de São Miguel da Barra do rio de Contas (atual Itacaré) e ao sul com a vila de Olivença.



## O Cacao Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade

no entanto, estimou cerca de 500 escravos nos anos 1820 e 700 nos anos 1840, embora afirme que esses números podem estar subestimados (2001, p. 99).

Com efeito, a economia de Ilhéus era influenciada pelo dinamismo econômico vivenciado por Salvador e seu Recôncavo nas primeiras décadas do Oitocentos, sobretudo em virtude do aumento das exportações de açúcar. De acordo com João da Silva Campos, nessa época abriam-se estradas ligando a vila de Ilhéus às outras partes da província e ao Norte de Minas Gerais, comarca do Serro do Frio, e a vila exportava farinha, arroz, café, aguardente, madeiras e algum cacau (CAMPOS, 2006, p. 313), além da produção do Engenho Santa Maria (antigo Santana), que segundo Spix e Martius produzia de 9 a 10 mil arrobas de açúcar (Op. cit., p. 177).

Na segunda metade do século XIX o sul da Bahia estava em franco processo de desenvolvimento econômico, impulsionado, principalmente, pela expansão do cultivo do cacau. Nesse período o plantio do fruto se desenvolve pelas diversas vilas espalhadas no território da antiga capitania e o trabalho escravo foi parte integrante desse processo. A Tabela 5 mostra a população de algumas vilas do sul da Bahia em 1872, destacando a presença dos escravizados.

**Tabela 5 - População de algumas vilas do sul da Bahia, 1872**

Vilas	Pop. Livre		Pop. Escrava		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
S. Jorge dos Ilhéus	4.631	81,5	1.051	18,5	5.682	100,0
Camamú	8.065	89,3	964	10,7	9.029	100,0
B. do Rio de Contas	3.102	85,8	510	14,2	3.612	100,0
Maraú	2.399	86,9	362	13,1	2.761	100,0
Valença	14.625	90,5	1.521	9,5	16.146	100,0

Fonte: Recenseamento Geral do Império, 1872. Disponível em: <http://www.biblioteca.ibge.gov.br>, acesso em 15 de fev. 2018.

Conforme os dados da Tabela 5 havia escravos na população das diversas vilas do sul da Bahia em 1872, mas Ilhéus era a que apresentava maior percentual de cativos no total da população. Entre os 5.682 habitantes, 18,5% eram escravos, o que é um índice significativo, principalmente quando comparado com o da província, que era de 12,2% segundo o mesmo recenseamento.



## **O Cacao Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

Isso demonstra a forte persistência da escravidão na época do desenvolvimento da lavoura cacauera em Ilhéus. Apesar da instituição existir na localidade desde os tempos colônias, no século XIX o desenvolvimento da cacauicultura dinamizou a economia e isso certamente fez aumentar a demanda por mão de obra. Aqueles que podiam comprar escravos e investir na produção de cacau tinham grandes chances de aumentar as suas fortunas. Os menos abastados podiam avançar para o interior e montar suas próprias roças, ou oferecer seus serviços aos grandes produtores.

De todo modo, precisava-se de braços para abrir a mata, plantar as sementes, cuidar durante mais ou menos cinco anos para a planta crescer e começar a frutificar, em seguida colher, quebrar o fruto, extrair as sementes, secar e por fim comercializar. Com se ver o processo era longo, no entanto, depois de adultos os cacaueros podiam render duas colheitas por ano, mas as plantações exigiam cuidados permanentes.

O Livro destinado à classificação dos escravos de Ilhéus que pudessem ser libertos pelo fundo de emancipação contém informações sobre 810 cativos, classificados entre 1873 e 1886. Entre tantos outros dados relevantes desta lista consta o nome dos escravistas,<sup>5</sup> sendo que alguns deles também estão presentes no Livro de imposto sobre exportação de cacau e café (1871-1885). Esses dois documentos, produzidos praticamente na mesma época, demonstram a relação direta entre o desenvolvimento da economia cacauera e a escravidão em Ilhéus na segunda metade do século XIX.

### **Exportações de cacau e posse de escravos em Ilhéus, 1871-1885**

O Livro que serviu para o registro do imposto sobre exportação de cacau e café foi aberto em 12 de janeiro de 1871 pelo Presidente da Câmara Municipal, Joaquim Pereira Caldas, sendo o procurador Francisco Antônio de Salles Silva.<sup>6</sup> O lançamento foi feito mês a mês ao longo dos anos, sendo que em cada mês o procurador descrevia o dia

---

<sup>5</sup> APEB. Seção de Arquivos Coloniais e Provinciais. Fundo: Tesouraria Provincial, Série: Classificação dos Escravos para serem libertos pelo Fundo de Emancipação. Ilhéus, Lv. 7008, 1873-1886.

<sup>6</sup> O Presidente da Câmara era o vereador eleito com maior número de votos, conforme Art. 12 da lei de 1º de outubro de 1828 – Dá nova forma às Camaras Municipaes, marca suas atribuições, e o processo para a sua eleição, e dos Juizes de Paz. Art. 12 “Feita a apuração das cédulas remetidas á Camara pelo modo sobredito, os que obtiverem maior número de votos serão os Vereadores. A maioria dos votos designará qual é o Presidente segundo a Constituição, art. 168. In: *Coleção de Leis do Império do Brasil, 1808-1889* (Doravante C.L.I.B). Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legislacao/publicacoes/doimperio/>>. Acesso em: 25 maio 2016.



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

e nome do exportador, a quantidade exportada e o valor do imposto pago, no final ele somava a receita mensal, descrevia o total por extenso, datava e assinava. Em alguns meses, no entanto, não houve registro de exportação, portanto a série apresenta lacunas. Ademais, não é possível saber o destino das exportações, quem eram os compradores, nem os preços pagos pelos produtos exportados.<sup>7</sup>

Não obstante este documento constitui fonte valiosas para as pesquisas sobre a economia do sul da Bahia no século XIX, principalmente devido à carência de estudos sistemáticos sobre a economia da vilas localizadas nessa parte da província.

A primeira folha do Livro de registro de imposto fornece uma noção das exportações e das pessoas envolvidas no comércio. Ao todo, foram lançados treze nomes de exportadores, o primeiro é Fernando Steiger, uma das pessoas que aparece com frequência ao longo dos anos. Em janeiro de 1871 ele exportou de uma só vez 1.068 arrobas de cacau e pagou Rs. 21\$360 (vinte e um mil trezentos e sessenta réis) de imposto, outros importantes exportadores também aparecem nessa primeira lista, como Luiz Adami, Jose Semeão e Antonio da Cruz, por exemplo. O total das exportações deste mês foi de 5.656 arrobas de cacau, o que gerou de receita para a Câmara Municipal Rs. 113\$120, já que não houve registro de exportação de café.

No geral, as exportações de café foram tímidas quando comparadas com as de cacau. Somando-se todas as exportações do período obtemos o total de 8.359 e 234.883 arrobas, respectivamente. O Gráfico 2 mostra a variação nas exportações desses produtos.

### **Gráfico 2 - Exportações de cacau e café (em arrobas). Ilhéus, 1871-1885**

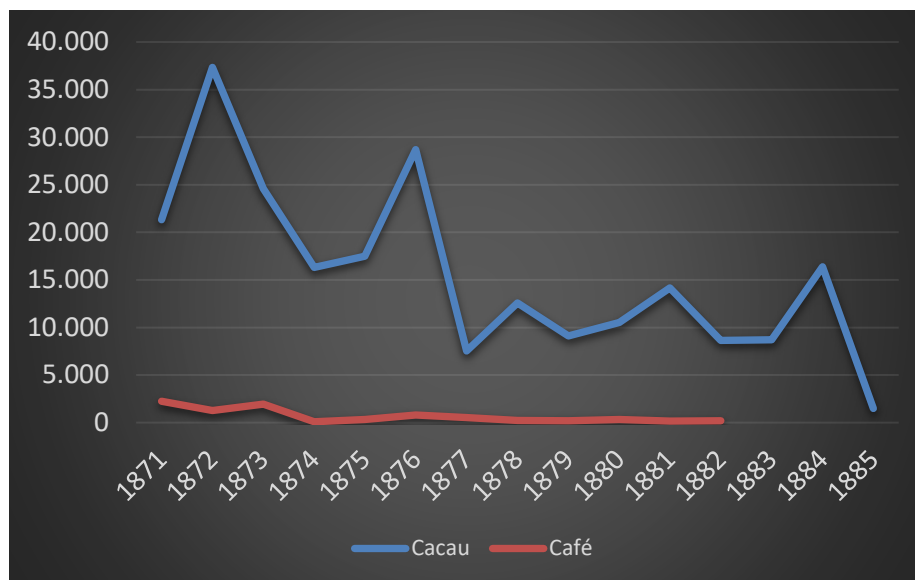
---

<sup>7</sup> APEB. Seção Colonial Provincial. Maço 5449. Câmara de Ilhéus: Imposto do cacau e do café. Ilhéus, 1871-1885. Utilizamos o termo exportação para se referir aos produtos enviados para fora de Ilhéus.





## O Cacao Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade



Fonte: APEB. SCP. Maço 5459. Câmara de Ilhéus: Imposto sobre exportação de cacau e café. Ilhéus, 1871-1885.

O Gráfico 2 revela que as exportações de cacau foram sempre muito superiores que as de café. Todavia, houve acentuado declínio no volume das exportações de ambos os produtos ao longo do período. O ano de maior exportação de cacau foi 1872, com 37.338 arrobas e o oposto foi 1883, quando apenas 8.712 arrobas foram exportadas. Com relação ao café, em 1871 as exportações chegaram a 2.243 arrobas, no entanto, no último triênio do período, precisamente em junho de 1884, somente 38 arrobas deste produto foram exportadas.

Essa diferença no volume das exportações dos produtos, no entanto, encobre determinadas particularidades. Algumas pessoas, mesmo grandes exportadores de cacau, em certas ocasiões exportaram mais café. Luiz Adami, por exemplo, no dia 5 de maio de 1871 exportou 56 arrobas de café e apenas 8 de cacau. Uma possível explicação para tal ocorrência é que os meses de março, abril e maio foram os que apresentaram as menores médias de exportação de cacau, 245, 48 e 280 arrobas, respectivamente, ao passo que a média dos meses de dezembro foi de 2.647 arrobas, e dos meses de janeiro 2.568, o que corresponde às maiores médias mensais de exportação compulsadas.

Com efeito, observando a série é possível notar a concentração das exportações de cacau no segundo semestre, começando em agosto e se estendendo até janeiro. O café, por sua vez, era exportado em maiores quantidades nos meses de maio, junho e julho, cujas médias mensais compulsadas chegaram a 334, 157 e 116 arrobas, respectivamente.



## O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade

A diferença quantitativa entre os dois produtos, no entanto, não deve ser confundida com menor importância ou valorização de um em relação ao outro. O café se adaptou melhor ao clima e ao solo da região Sudeste, e era o principal produto de exportação do Império nesse período, mas no sul da Bahia o cacau se desenvolveu melhor, mesmo assim, encontramos várias pessoas exportando os dois produtos no período, como mostra a Tabela 6.

**Tabela 6 - Principais exportadores de cacau e café. Ilhéus, 1871-1885**

<b>CACAU</b>	<b>QTD (@)</b>	<b>%</b>	<b>CAFÉ</b>	<b>QTD (@)</b>	<b>%</b>
<b>Luiz Adami</b>	62.775	26,7	<b>Jose Semeão Moreno</b>	2.631	31,5
<b>Jose Semeão Moreno</b>	33.844	14,5	<b>Luiz Adami</b>	1.450	17,3
<b>Antonio da Cruz</b>	17.177	7,3	<b>Antonio da Cruz</b>	1.001	12,0
<b>José Carlos Adami</b>	11.365	4,8	<b>Fernando Steiger</b>	918	11,0
<b>Manoel Esteves Moreno</b>	9.272	4,0	<b>Antonio Jorge Moreno</b>	525	6,3
<b>Fernando Steiger</b>	8.333	3,5	<b>Joaquim Andre Mattos</b>	390	4,6
<b>Jose Malaquias Barbosa</b>	6.335	2,7	<b>Henrique [Torres] C.</b>	328	4,0
<b>Demais exportadores</b>	85.782	36,5	<b>Demais exportadores</b>	1.116	13,3
<b>TOTAL</b>	234.883	100,0	<b>TOTAL</b>	8.359	100,0

Fonte: APEB. SCP. Câmara de Ilhéus: Maço 5459. Imposto sobre exportação de cacau e café. Ilhéus, 1871-1885.

Como se pode ver na Tabela 6 havia uma certa concentração das exportações nas mãos de algumas pessoas. Luiz Adami, por exemplo, foi responsável por 26,7% das exportações de cacau e por 17,3% das exportações de café. Todavia, se acrescentarmos a participação de outros membros da sua família, como José Carlos Adami, Domingos Adami Sá e Egídio Luiz de Sá, é possível afirmar com segurança que pelo menos um terço das exportações de cacau foram de responsabilidade dos Sá Bitencourt Câmara, uma das famílias mais abastadas da localidade na época, muitos deles grandes escravistas.

José Semeão Moreno foi outro importante exportador de cacau e café de Ilhéus no período, sendo responsável por 14,5% de todo o cacau exportado e por 31,5% das exportações de café. O seu inventário foi aberto em 1881, e consta entre os bens descritos em seu patrimônio uma lancha, que ele tinha em sociedade com outra pessoa. Nos autos do processo os herdeiros e os sócios reclamam ao juiz dos prejuízos da lancha estar parada



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

no porto da vila, e solicitam ao mesmo licença para navegar até o porto da Bahia (Salvador).<sup>8</sup>

Apesar da concentração das exportações haviam muitas pessoas participando do negócio, o capitão Albino Francisco Martins, o alferes Antônio Henrique de Aguiar, Lavigne & Irmão, Seabra S. e Cia, Henrique Berbet, Vapor S. Feliz, Vapor Marinho, Vapor Sergipe, Vapor Caravelas e Vapor Rio Vermelho, são exemplos de pessoas e também de algumas Companhias de navegação que exportavam cacau e café em Ilhéus nesse período. O vapor Rio Vermelho, por exemplo, em outubro de 1884 exportou 1.582 arrobas de cacau.

Ao que parece gradativamente os lavradores de Ilhéus foram abandonando o cultivo de café para se dedicarem à plantação de cacau, mas isso não se traduziu em aumento das exportações deste último, pelo contrário, analisando o Gráfico 2 notamos que desde 1871 até 1885 elas diminuíram significativamente.

É certo que a diminuição das exportações não significa necessariamente que houve redução da área cultivada. Parte da produção pode ter sido estocada na espera por melhores preços no mercado internacional, por outro lado as safras podiam oscilar ao longo dos anos, portanto as boas colheitas dependiam de condições climáticas favoráveis. Outra questão que não podemos negligenciar é a crise de 1873 que se abateu sobre a Europa e teve repercussão na economia mundial, provocando retração no consumo externo.

Todos esses fatores, de modo geral, podem ter influenciado no declínio das exportações de cacau e café durante os quinze anos analisados, o que permite inferir que embora estivesse em desenvolvimento, a economia cacaueira estava sujeita a sofrer interferências de fatores externos e internos, como o preços do produto no exterior e as oscilações nas colheitas entre uma safra e outra.

Ademais, Ilhéus não era a única vila do sul da Bahia dedicada ao cultivo desses produtos. Quando comparamos o volume das exportações desta vila com as quantidades apresentadas no quadro de exportação da província conseguimos dimensionar a questão. O referido quadro contempla cinco (5) anos financeiros, começando em 1872-1873, quando a província exportou, entre outros produtos, 79.171 arrobas de cacau e terminando

---

<sup>8</sup> APEB, Seção Judiciária, Inventários, Ilhéus. José Simeão Moreno dos Reis. Est. 02, Cx. 781, Maço 1248, Doc. 10, 09 de jul. 1881.

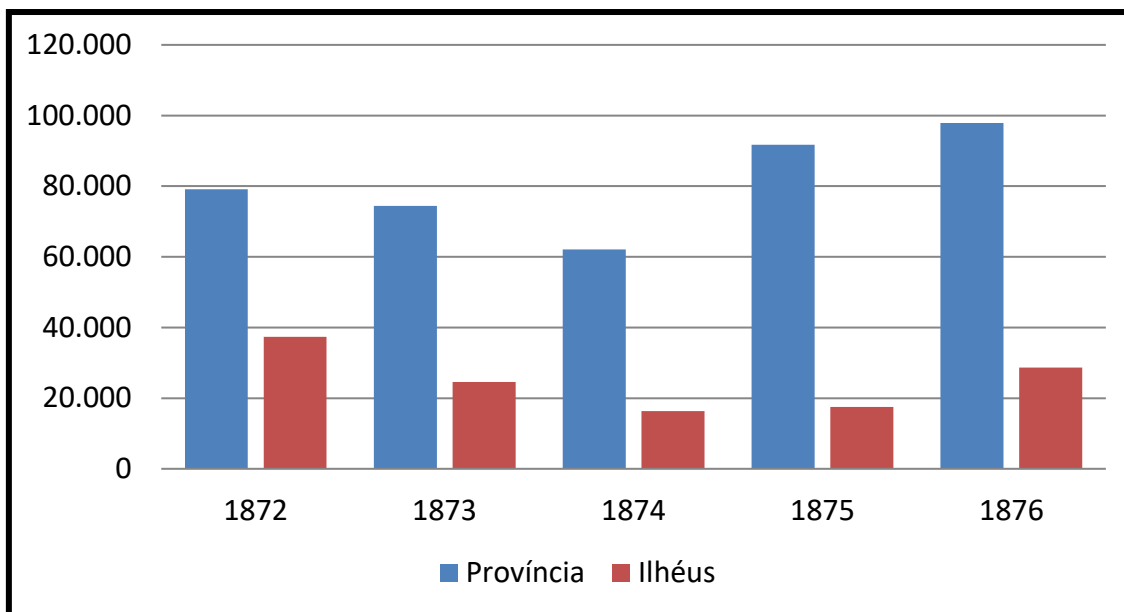


**O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

em 1876-1877, quando essa cifra atingiu 97.910 arrobas. O Gráfico 3 apresenta o resultado da comparação.



**Gráfico 3 - Exportações de cacau (em arrobas). Bahia. 1872-1876**



Fontes: Fala com que abriu no dia 1º de maio de 1878 a 57ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia o Exm. Sr. Conselheiro Barão Homem de Mello, presidente da Província da Bahia. Disponível em: <http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial>; APEB. SCP. Maço 5459. Câmara de Ilhéus. Imposto sobre exportação de cacau e café. Ilhéus, 1871-1885.

O Gráfico 3 demonstra que a participação de Ilhéus no quadro geral das exportações da província não foi nada desprezível. É certo que não sabemos qual era o destino das exportações de cacau em Ilhéus, mas de todo modo em 1872 ela chegou a exportar 47% do total exportado pela província. Destarte, outras vilas do sul da Bahia também participavam das exportações. Como demonstra o Gráfico 3, as diferenças entre o volume das exportações de Ilhéus e da província na década de 1870 são significativas, o que sugere a participação de outras vilas no fornecimento do produto.

Com efeito, apesar do declínio das exportações, ao que parece cacau e café passavam por processos de valorização no mercado internacional. De acordo com os dados compulsados, o cacau exportado em quantidades superiores à do café se consolida como mais importante produto da economia de Ilhéus, mas o fato de ambos continuarem sendo lançados no mesmo livro e com tarifas mais ou menos semelhantes indica que os dois produtos eram importantes para a economia da província e da aludida localidade.

Nos primeiros anos a Câmara cobrava Rs. \$020 (vinte réis) por cada arroba de cacau ou de café exportada. Em outubro de 1873, no entanto, o valor foi reajustado na mesma proporção para os dois produtos, ou seja, Rs. \$040 (quarenta réis) por cada arroba



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

exportada. A partir de 1877, no entanto, a tarifa sobre o café exportado passa a ser um pouco menor que a do cacau, mas ambas aumentaram, alcançando Rs. \$090 e Rs. \$120, respectivamente. No final do período as tarifas sobre exportação dos dois produtos voltam a subir e se igualar, ou seja, a partir de 1881 Câmara passou a cobrar Rs. \$180 (cento e oitenta réis) por cada arroba de cacau ou de café exportada.

Confrontando a relação dos exportadores de cacau e café com os escravistas presentes na Lista de classificação dos escravos constatamos que muitos possuíam cativos, porém, nem sempre os maiores exportadores desses produtos foram os que mais listaram escravos. Luiz Adami, por exemplo, foi o homem que mais exportou cacau no período (62.775 arrobas), no entanto, listou apenas cinco escravos, sendo três mulheres e dois homens. Entre as mulheres uma tinha três filhos menores escravos e uma tinha um filho menor livre, em virtude da lei. Outro importante exportador de cacau envolvido com a posse de cativos era Fernando Steiger. As suas exportações de cacau totalizaram 8.333 arrobas e de café 918. Com relação a posse de escravos, no entanto, ele estava entre os que mais listaram cativos, ao todo foram 85 escravos listados, dos quais apenas seis eram casados, mas vinte e oito possuíam filhos menores, com quantidades de filhos por mulher variando de um a oito. Malfada, por exemplo, com 40 anos de idade, de cor preta, do serviço da lavoura, com boa aptidão para o trabalho tinha oito filhos menores escravos.

Alguns dos principais exportadores de cacau e café não constam na lista de classificação dos escravos. Isso aconteceu com José Semeão Moreno, o segundo maior exportador de cacau (33.844 arrobas), responsável por 14,5% das exportações no período. Não sabemos se realmente ele não possuía escravos ou não os apresentou para classificação. Talvez ele empregasse trabalhadores livres em suas fazendas, mas não podemos descartar a possibilidade dele, e até de outros exportadores, serem apenas comerciantes intermediários, que comprava dos pequenos produtores e exportava a preços mais elevados.

Os principais escravistas constantes na lista de classificação dos escravos não figuram entre os principais exportadores de cacau e café, com exceção de Fernando Steiger. Outros, como Fortunato Pereira Galo, não aparece no Livro de registro de imposto mas encontramos um parente seu neste documento, Fortunato Fausto Galo exportou em janeiro de 1880 o total de 194 arrobas de cacau. Ernesto de Sá Bithencourt Câmara é outro exemplo semelhante. Ele listou 29 cativos, mas seu nome não conta no



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

Livro de imposto, embora vários membros dessa família estejam presentes no referido documento. Em 1880 Dona Adelaide de Sá Oliveira exportou 62 arrobas de cacau, o capitão Domingos Adami de Sá, que fez parte como Coletor da Fazenda Público na Junta de classificação dos escravos, também exportou neste ano 107 arrobas de cacau e listou quatro escravos para serem libertos pelo fundo de emancipação, o capitão Egídio Luíz de Sá exportou entre 1877 e 1880 o total de 95 arrobas de cacau e listou nove escravos. Assim, é possível notar que muitas pessoas, principalmente desta família, estavam envolvidas ao mesmo tempo com a posse de escravos e com a exportação de cacau e café.

### **Considerações finais**

Esse artigo investigou a participação do cacau na economia de exportação da província da Bahia entre 1850 e 1888. As fontes documentais analisadas evidenciaram o aumento gradual da importância do produto no comércio exterior da província, destacando-se somente nas últimas décadas do século XIX, quando as receitas provenientes das exportações do produto alcançaram níveis elevados.

Esse movimento, por sua vez, era parte do processo de expansão e diversificação da economia brasileira. Assim, o cacau exportado pela Bahia acompanhou o ritmo das exportações do Brasil no mesmo período. Ao que parece, esse fenômeno está relacionado com a popularização do consumo de chocolate na Europa e nos Estados Unidos nessa época, quando provavelmente cresceu o número de fábricas dedicadas à produção da bebida.

O município de Ilhéus era um dos mais importantes fornecedores do fruto no período, e a sua população contava com expressivo número de escravos. O artigo buscou chamar a atenção para a relação direta entre escravidão e desenvolvimento da lavoura cacauera. Nesse sentido, constatou-se o envolvimento de diversos escravistas com as exportações de cacau.

Outra questão que evidenciamos no texto foi a expressiva concentração das exportações de cacau em mãos de determinadas pessoas, dentre elas os membros da família Sá Bitencourt Câmara, grupo com influência política e econômica no município. Ainda não foi possível saber se esses homens também eram os principais produtores do fruto. Todavia, existe casos em que as exportações eram realizadas por companhias de



## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

navegação e particulares donos de embarcações a vapor, sugerindo a existência de hierarquias entre os homens que produziam e os que exportavam cacau, mas essa hipótese ainda não pode ser testada.

Nomes como Seabra S. e Cia, Vapor Rio vermelho, dentre outros mencionados no texto, indicam que possivelmente os comerciantes e donos de embarcações a vapor eram s intermediários entre a produção e as exportações de cacau para Salvador, de onde eram remetidos para países estrangeiros. No entanto, ainda não temos condições de elucidar essa e outras questões relacionadas com a produção e exportação de cacau.

Será que os principais exportadores também eram os que tinham as maiores plantações de cacau em Ilhéus? Quais grupos sociais ou instituições mais se beneficiavam com o comércio do cacau, desde a produção local, até a exportação para Salvador e daí para os países estrangeiros? Infelizmente não temos condições de responder essas questões no momento. O estudo dos inventários *post mortem* dos moradores de Ilhéus pode ajudar a explicar algumas delas, mas ainda não concluímos as investigações desta documentação, o que pretendemos realizar nos próximo meses.

Não obstante, até aqui foi possível perceber que a economia cacauera estava em franco processo de desenvolvimento na segunda metade do século XIX. A existência de diversos exportadores, com volumes expressivos de exportações demonstram que uma quantidade significativa de embarcações entravam e saíam do porto de Ilhéus carregadas de mercadorias. Provavelmente elas traziam produtos de Salvador para o abastecimento do comércio das vilas litorâneas e na volta carregavam suas embarcações com os produtos dessa região, realizando assim a ligação entre a economia exportadora da capital (Salvador) e as economias das diversas vilas espalhadas pelo litoral baiano.

Essa movimentação, no entanto, envolvia a cobrança de fretes no transporte das mercadorias, o que devia ter implicações no preço de venda dos produtos, desde o fornecedor local até a exportação para países estrangeiros.

Os herdeiros de Manoel Esteves Moreno dos Reis, um dos principais exportadores de cacau e café de Ilhéus da década de 1870, mandou o juiz juntar aos autos do processo de inventário as contas das viagens feitas pela lancha Nova União, que o falecido tinha em sociedade com outra pessoa. Numa viagem realizada em 05 de junho de 1881 a lancha





## **O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

obteve a importância de Rs. 909\$900 de fretes, porém as despesas totalizaram Rs. 721\$070, restando de saldo para os sócios a quantia de Rs. 188\$830.<sup>9</sup>

Desse modo, percebemos que existia toda uma rede de negociantes envolvidos com a comercialização do cacau. Ao que parece muitos lavradores plantavam cacau, colhiam os frutos e beneficiavam as sementes em suas roças, mas não tinham como exportar até Salvador, para isso era necessário o pagamento de fretes. Outra alternativa possível era entregar o produto no porto de Ilhéus a preço baixo para o mesmo ser revendido na capital por um preço maior. Essas hipóteses, no entanto, só poderão ser confirmadas ou não quando concluirmos o estudo com os inventários *post mortem*, o que constitui a próxima etapa da pesquisa.

### **Referências Bibliográficas:**

AZEVEDO, Thalles Olympio Góes de. A economia baiana em torno de 1850 – *Revista Planejamento*, Salvador, v. 5, n. 4, p. 7-18, out./dez., 1977.

ALMEIDA, Kátia Lorena Novais. *Alforrias em Rio de Contas: Bahia século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) - FFCH/UFBA, Salvador, 2006.

ALMEIDA, Rômulo Barreto de. Traços da história econômica da Bahia no último século e meio. *Revista Planejamento*, Salvador, v. 5, n.4, p. 19-54, out/dez, 1977.

ANDRADE, Marcelo Loyola de. *Nos Labirintos da Liberdade*. Das alforrias na lavoura cacauera (Ilhéus-BA, 1810-1850) à discussão historiográfica acerca das manumissões no Brasil do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH – USP, São Paulo, 2013.

BARICKMAN, Bert J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780 – 1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Até a véspera: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do recôncavo baiano (1850-1881). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 21-22, p. 177-238, 1998-1999.

BONDAR, Gregório. A lavoura cacauera da Bahia. *Relatório e Anuário do Instituto de Cacau da Bahia*, Salvador, 1933.

---

<sup>9</sup> APEB, Seção Judiciária, Inventários, Ilhéus. José Simeão Moreno dos Reis. Est. 02, Cx. 781, Maço 1248, Doc. 10, 09 de jul. 1881.



**O Cacau Na Economia De Exportação Da Província Da Bahia, 1850-1888 – Marcelo Loyola de Andrade**

CAMPOS, João da Silva. *Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus* – 3 ed. – Ilhéus, BA: Editus, 2006.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. *Pescadores e roceiros: escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX, 1860-1888*. São Paulo: Annablume: Fapesp; Salvador: Fapesb, 2008.

DANTAS, Monica Duarte. *Fronteiras movediças: relações sociais na Bahia do Século XIX: a comarca de Itapicuru e a formação do arraial de Canudos*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2007.

DIAS, Marcelo Henrique. *Economia, sociedade e paisagens da capitania e comarca de Ilhéus no período colonial*. Tese (Doutorado em História) – ICHF/ UFF, Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. *Farinha, Madeiras e Cabotagem: a Capitania de Ilhéus no antigo sistema colonial*. Ilhéus: Editus, 2011.

DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves (Org.). *Um Lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau*. Ilhéus: Editus, 2007.

LISBOA. Baltasar da Silva. Memória sobre a Comarca dos Ilhéus, 1808. Apud. DIAS, Marcelo Henrique. *Economia, sociedade e paisagens da capitania e comarca de Ilhéus no período colonial*. Tese (Doutorado em História) – ICHF/ UFF, Rio de Janeiro, 2007.

LOPES, Rodrigo Freitas. *Nos currais do matadouro público: o abastecimento de carne verde em Salvador no século XIX. (1830-1873)*. Dissertação (Mestrado em História) - FFCH/UFBA, Salvador, 2009.

MAHONY, Mary Ann. “Instrumentos Necessários”: Escravidão e posse de escravos no Sul da Bahia no século XIX, 1822 – 1889. *Afro-Asia*, Salvador, n. 25-26, p. 95-139, 2001.

\_\_\_\_\_. Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação histórica e dominação política na região cacauceira da Bahia. In: *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaría* – UESC. Ilhéus, v. 10, n. 18, p. 738-793, jul./dez. 2007.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província do Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SPIX, Joham B. Von; MARTIUS, Karl F. P. von. *Viagem pelo Brasil 1817 – 1820*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981, v. 2.